



HISTORY
OF
DUBLIN.
II.

THE
IMAGE
OF
IRELAND
BERKOF

ANTIQUITIES
OF
IRELAND

HISTORY
OF
DUBLIN
I.

CONSTITUTIONS
AND
Canons Ecclesiastical,
as well as the
Archbishops and Bishops,
and the rest of the
Clergy of IRELAND.

And agreed upon by the
KING'S Majesty's Licence
In their Synod begun and holden at
Dublin, Anno Domini 1634. And in
the Year of the Reigne of our Sovereign
Lord Charles, by the Grace of God
King of Great Brittain, France and
Ireland the Tenth.

Printed by Andrew Clark and James Millar's, and are to
be had by James Millar in the City of Dublin.

A
NARRATIVE
OF THE DEEDS OF
KILLALLA,
IN THE COUNTY OF MATHO,
AND THE FAULT THEREOF,
WHICH
WERE
THE FRENCH INVASION
IN THE YEAR OF 1191.

BY AN EYE-WITNESS.

Printed, Printed
by Andrew Clark and James Millar's, and are to
be had by James Millar in the City of Dublin.

"By whatever means it is accomplished, the prime business of a play is to arouse the passions of its audience so that by the route of passion may be opened up new relationships between a man and men, and between men and Man. Drama is akin to the other inventions of man in that it ought to help us to know more, and not merely to spend our feelings."

"A playwright [...] is [...] the litmus paper of the arts. He's got to be, because if he isn't working on the same wave length as the audience, no one would know what in hell he was talking about. He is a kind of psychic journalist, even when he's great."

Arthur Miller

"The Critic's endeavour is to identify himself with the subjectivity expressed in words, to relive that life from the inside, to constitute it anew in its criticism."

Gunnar Urang, *Shadows of Heaven*, 1971

Embora muitos críticos a considerem como uma figura menor no campo das letras, a actuação de *Lady Augusta Gregory* teve grande importância na evolução da literatura dramática não só na Irlanda como praticamente em todo o mundo.

Raymond Williams, o conhecido crítico literário marxista, na sua obra intitulada *Drama from Ibsen to Eliot*, considerava o Abbey Theatre, o teatro fundado por *Lady Gregory* em 1904, como "the most remarkable development in the theatrical history of these islands for some three centuries." Este teatro sucedeu

ao Irish Literary Theatre, fundado em 1899 por Yeats, Martyn e G. Moore, e ao National Irish Theatre, onde trabalharam os irmãos Fays, em 1903. Foi instalado na sala Abbey graças à generosidade de uma mecenas de Manchester, *Miss Horniman* e veio a ser destruído por um incêndio em 1961.

Lady Gregory, que antes de casar se chamava Isabella Augusta Persse, nasceu em 1852 e morreu em 1932. Passou quase toda a sua vida na Irlanda e apenas se deslocou ao estrangeiro para acompanhar a companhia de teatro. Além de dramaturga, co-fundadora e directora do Abbey Theatre, actividades que já por si eram importantes, foi também uma das maiores estudiosas e investigadoras de folclore do seu país. Contribuiu para o aperfeiçoamento do chamado *Anglo-Irish*, a primeira linguagem em prosa anglo-irlandesa adaptada ao uso literário. *Lady Gregory* designava este dialecto por "speech of the people" e também por "kiltartan", nome derivado da aldeia onde recolhera os necessários elementos dialectais e dados linguísticos. Nesta aldeia, assim como noutras, recolheu também histórias de santos e de acontecimentos maravilhosos que faziam parte do imaginário popular da velha cultura celta que nunca tinha morrido. Deste modo, *Lady Gregory* tornou-se uma verdadeira fonte de versões de contos heróicos que fornecia aos seus colaboradores e ao próprio Yeats, participando assim na sua criação literária.

Entre os objectivos de Yeats, de *Lady Gregory* e dos outros intelectuais irlandeses, como George Moore, Synge e William Boyle, que participaram neste movimento, que veio a ser designado como *Irish Renaissance*, estava subjacente a ideia de aproveitar a expressão nacionalista da cultura tradicional para fazer reivindicações políticas. A primeira renascença celta pode considerar-se ter ocorrido em 1760, com a publicação de *Ossian* por J. Macpherson e a segunda teve início, em 1878, também com a publicação de uma obra intitulada *Story of Ireland* da autoria de Standish James O'Grady. A acção da Gaelic League,

fundada por Douglas Hyde em 1893, contribuiu igualmente para este movimento.

Pode, portanto, concluir-se que, embora de um ponto de vista estritamente literário, possa ser considerada como uma figura de segundo plano, *Lady Gregory* impulsionou e participou em movimentos de grande importância tanto cultural como literária. É, na verdade, pelo menos surpreendente que uma mulher que até aos cinquenta anos não tivera qualquer actividade literária ou dramática tenha conseguido, devido ao seu grande entusiasmo, contribuir de forma tão notável para uma renovação do teatro na Irlanda.

É irrefutável que a criação do Irish National Theatre foi a realização mais popular do referido movimento de revivalismo celta. A acção dramática da Renascença Irlandesa teve duas fases. Iniciou-se em 1894 com a representação da peça *The Land of Heart's Desire* de Yeats, no Avenue Theatre de Londres. Yeats pretendia criar The Independent Theatre em Dublin, segundo o modelo do Theatre Libre de França e do Freie Bühne na Alemanha. Foi em 1899, em resultado da revolta que sentiam perante as condições teatrais em Londres, que Yeats, *Lady Gregory*, AE, G. Moore e John Eglinton decidiram fundar o Irish Literary Theatre.

Na opinião de George Bernard Shaw, citada por Anne Pedro em *Das Dramatische Werk von Lady Gregory* (1967, p. 9), *Lady Gregory* era "the greatest living Irish woman". Na verdade, o movimento para que ela contribuiu tão activa e eficazmente elaborou uma teoria dramática que foi posta à prova pela prática na "workshop" do Abbey Theatre. A renovação efectuada no campo da composição dramática fez com que esta passasse a ser considerada mais como uma experiência artística do que comercial, insurgindo-se, assim, contra os hábitos teatrais correntes na época. Não há dúvida de que *Lady Gregory*, devido à atracção que sentia pelo teatro, colaborou em algo de novo no campo da literatura dramática irlandesa.

Há, contudo, que problematizar a questão. Este movimento de fascinação romântica pela herança cultural do passado não é algo de inteiramente novo e isolado que apenas surgiu na Irlanda com *Lady Gregory*, Yeats e Synge. São vários os estudiosos que se debruçaram sobre este problema e, entre eles, destacaria: Elizabeth Coxhead (*J. M. Synge and Lady Gregory*, 1969); Unna Ellis-Fermor (*The Irish Dramatic Movement*, 1971); Hazard Adams (*Lady Gregory*, 1973); Katherine Worth (*The Irish Drama of Europe from Yeats to Beckett*, 1978) e Colin Smythe (*Theatre Business*, 1982).

Difícilmente se poderiam aprofundar neste breve ensaio as referências a todos os problemas relacionados com um movimento tão complexo e de consequências tão diversas como a Renascença Irlandesa. Uma problematização mais ampla e uma análise fenomenológica implicariam a inserção da *Irish Renaissance* no contexto cultural do chamado *Celtic Revival*, de que falam, entre outros, Alwin e Brinley Rees em *Celtic Heritage-Ancient Tradition in Ireland and Wales* (1961) e L. Laing na sua obra *Studies in Celtic Survival* (1977) ou mesmo em algo de mais abrangente, como a acção do movimento denominado "New Romanticism".

Alargando, contudo, a área de análise, verifica-se que foi um movimento de revivalismo que se integrou num espírito novo que revitalizou a literatura e a cultura britânicas. É de referir que, além da Renascença Irlandesa, houve outros revivalismos nacionalistas, outras tentativas de revitalização do material cultural obscurecido e oculto pela anglicização.

Com efeito, é indiscutível que também na Escócia, e até um pouco no País de Gales, ocorreu um ressurgir do interesse pelos tesouros inexplorados da imaginação celta. Convém, a este propósito, sublinhar que nestas regiões, tal como na Irlanda, também apareceram folcloristas, obras literárias ligadas ao tronco da cultura local e até um método novo de estudar a História bem reveladores de grande entusiasmo pelo passado

histórico e lendário. É também digno de referência o facto de em Portugal, nesta época, ter surgido o neolusitanismo ou neogarrretismo, movimento de retorno às fontes de lusitanidade e de defesa da personalidade colectiva em que participaram, no campo da literatura, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Alberto de Oliveira. Este nacionalismo literário encontrou também expressão no âmbito da pintura com Columbano e Silva Porto, da arquitectura com Raul Lino e da música com Antero da Veiga. Todos eles pretendiam acordar a emoção da pátria através da imaginação popular e do misticismo vernáculo. José Carlos Seabra Pereira refere-se a este assunto no seu artigo "Tempo Neo-Romântico (Contributo para o Estudo das Relações entre Literatura e Sociedade no Primeiro Quartel do Século XX" (*Revista de Análise Social*, vol. XIX, 1983).

Feitas estas referências à realidade portuguesa vindas a talhe de foice, deve esclarecer-se que *Lady Gregory* não partilha da nossa opinião acerca da importância da colaboração dos Escoceses para o *Celtic Revival*, minimizando mesmo o próprio movimento, como pode verificar-se quando afirma, tal como cita Colin Smythe, em *The Coole Edition* (Vol. IV, "Our Irish Theatre", 1973, p. 21):

I myself never quite understood the meaning of the Celtic movement which we were said to belong to. When I was asked about it I used to say it was a movement meant to persuade the Scotch to begin buying our books while we continued not to buy theirs.

Não obstante a opinião tão ironicamente expressa por *Lady Gregory*, pode afirmar-se que a Irish Renaissance constituiu, na realidade, uma fase do movimento revivalista celta e que este foi, indubitavelmente, iniciado na Escócia por autores como Walter Scott, Burns, James Hogg e Robert Louis Stevenson. A teoria desse movimento, não em relação ao drama mas à ficção narrativa, foi, aliás, expressa de forma bem clara

por Stevenson no seu ensaio "A Gossip on Romance", ao afirmar: "Fiction should be to the grown man like play is to the child." e é também evidente quando ele considera que a função do romance era "to evoke that golden chamber of man's dreams" (citado em *Selected Short Stories of Robert Louis Stevenson*, 1980). É óbvio, por outro lado, que esta ideia está justamente na linha de pensamento defendida por Yeats, o grande teórico da Renascença Irlandesa, que, em *Our Irish Theatre*, afirmava por seu turno "Romance will have its turn." (vol. IV, p. 17).

A área do interesse pela vida dos humildes camponeses e das descrições plenas de cor local, tão da preferência de *Lady Gregory*, foi também a predilecta da tão controversa *Kailjard School* a que pertenceram escritores como Barrie, Crockett e Maclaren, no seu revivalismo do romance escocês, tal como afirma Ian Campbell na obra *Kailjard-A New Assessment. Studies of the Kailjard Phenomenon in Scottish Literature of the Nineteenth and Twentieth Centuries* (1981).

Pode ainda ampliar-se um pouco mais o âmbito da visão e procurar analisar o contexto em que surgiu o *Celtic Revival* que tanto marcou a literatura escocesa e irlandesa. Verifica-se então que este movimento de atracção pelo passado, de regresso àquilo que parecia mais primitivo e espontâneo, de estimulação dos instintos colectivos mais profundos que trouxeram consigo um reacender dos sentimentos de nacionalismo ou de raça – ou, pelo menos, de uma identidade separada – deriva do enfraquecimento de um dogmatismo ultrapassado. Integra-se numa reacção generalizada a tudo aquilo que tinha constituído o *Victorian Frame of Mind*. Foi uma atitude que surgiu entre 1875 e 1914 e corresponde a uma imagem de fim de século repetida de mil maneiras em todos os modos de pensamento. Assumiu várias formas de expressão sempre motivadas por um desejo de renovar. Após uma era de prosperidade e de equilíbrio procurado através da Razão, surge o fim da estabilidade com este revivalismo neo-romântico de características individualistas

bem marcadas. O sentimento, *feeling*, passa a ser o principal soberano no pensamento e na vida.

Trata-se de um movimento conjunto de emancipação da imaginação contra o mecanicismo, de protesto contra os excessos do dogmatismo científico. Cada artista reage à sua maneira. *Lady Gregory*, Yeats e os outros responsáveis pela *Irish Renaissance* actuaram no campo do drama, tal como James Barrie, que também teve a atitude de ver o teatro como um brinquedo engenhoso cujos recursos queria experimentar, tal como fez em *Peter Pan*. G. Bernard Shaw e Oscar Wilde, cada um a seu modo, também contribuíram para dar de novo o estatuto de literatura ao texto dramático. Verifica-se que os autores não seguem uma escola única ou apenas um princípio organizador. Seguem as suas preferências instintivas, não há formas artísticas comuns, as regras são-lhes ditadas pelos seus temperamentos e personalidades. Tem assim início o reinado da intuição como fonte de conhecimento. Nesta perspectiva, Shaw interessa-se pelo drama em prosa e Yeats escreve-o em verso inspirado nas riquezas dos ciclos heróicos medievais irlandeses. Enquanto *Lady Gregory* se dedica à criação do dialecto anglo-irlandês, George Russell estuda a mitologia celta e Synge vê poesia na natureza que o rodeia. Na ficção narrativa Robert Louis Stevenson, com *Treasure Island*, tenta restaurar o "spirit of romance" e atribui de novo nível literário ao romance de aventuras. Max Beerbohm protesta contra a seriedade e os aspectos ridículos e pomposos do vitorianismo através do humor e da caricatura. Chesterton, por seu lado, reage igualmente por meio do culto do irracional e do paradoxo.

Verifica-se assim que tanto romancistas como poetas e dramaturgos se uniram na condenação do materialismo vitoriano devido à sua falta de sensibilidade estética e à brutalidade existente nas relações sociais e económicas. Tentaram criar uma nova ordem social que substituísse o esquema vitoriano. Achavam que o racionalismo positivista não tinha trazido nem

felicidade material nem moral e que tinha destruído algumas das fontes de alegria. Na Irlanda, não foi difícil identificar os aspectos negativos com o espírito pragmático do dominador anglo-saxónico e desenterrar do passado celta muitos dos elementos necessários para reacordar o sentido do mistério e da fantasia inerentes ao génio da raça. Louis Cazamian, na sua *History of English Literature* (1965, pp. 1258-91), denominou todo este movimento como *New Romanticism* e Ernest Baker, em *History of the English Novel*, designava como "the romancers" os escritores que a ele pertenciam.

Tal como ficou registado acima, é verdade que, com um certo exagero, se poderia afirmar que *Lady Gregory* foi a figura representativa que teria aberto os portões através dos quais a moderna literatura irlandesa iria passar, libertando assim o espírito celta que, até então, estava preso, por assim dizer, numa linguagem quase extinta. Esta afirmação é, decerto, susceptível de levantar problemas a muitos críticos que prefeririam mencionar os nomes de Yeats ou Synge, cujas obras revelam indiscutivelmente qualidades artísticas de maior nível e constituem, sem dúvida, marcos indeléveis e uma das razões de ser da Renascença Irlandesa.

Tal como afirma Chesterton "the fallacy of the forerunner has been largely used in literature". Deve, por isso, procurar-se a relação da autora que nos propusemos estudar com a situação cultural mais genérica, de forma a tentar encontrar um sentido mais lato na sua actuação. Tal sentido, pode, de outro modo, ficar oculto ou ser desvirtuado devido a uma visão demasiado restritiva e de tendências hiperbólicas. Tal como afirma Derek Sauvage, que Gunnar Urang cita na sua obra *Shadows of Heaven-Religion and Fantasy in the Writings of C. S. Lewis, Charles Williams and J. R. R. Tolkien*, 1971, p. 3) "the critic's work is to present art to itself as thought".

Uma contextualização ou problematização do trabalho realizado por *Lady Gregory*, feita através de referências embora

breves à sua integração no movimento mais abrangente – e que não é apenas irlandês – só pode valorizar esse mesmo trabalho na medida em que ajuda a compreender e a situar melhor tanto a autora em estudo como as suas ideias. Sucede, por outro lado, que alguns críticos mais exigentes têm mesmo pretendido diminuir a importância do papel de *Lady Gregory* na génese do *Irish Dramatic Movement*. A maior parte dos escritores e dramaturgos que participou neste movimento literário era constituída por patriotas irlandeses que pretendiam a independência da sua pátria. O movimento, tal como afirma o próprio Yeats no prefácio de *Cuchulain of Muirthemme (The Coole Edition, vol. II, 1970)*, pretendia acordar a consciência da sua raça e reflecte o carácter irlandês imaginativo e sonhador que estava presente nas antigas lendas e na poesia celta, triste e melancólica.

As críticas mais negativas à actuação de *Lady Gregory* salientam o facto de que se ela permaneceu na sombra de Yeats foi porque a sua obra não tinha grande valor literário. Paralelamente, há também quem pense que não havia justificação para Yeats, em 1923, ao receber o Prémio Nobel para a Literatura, ter declarado que *Lady Gregory*, a autora que com ele escrevera as peças *Cathleen in Houlihan (1902)* e *The Unicorn from the Stars (1908)*, deveria estar a seu lado. Os que assim pensam baseiam-se no facto de que, ao querer atribuir-se-lhe um papel de maior relevo, se poder eventualmente fazer uma injustiça a outros participantes do mesmo movimento como, por exemplo, George Moore e os irmãos Fay, fundadores da Irish School of Acting. Com efeito, embora G. Bernard Shaw, um dos mais fervorosos admiradores de *Lady Gregory*, tivesse afirmado:

Her plays never fail [...] to amuse us but [also] to take us out of ourselves, out of London, out of the stuffy theatre while we are listening to them.

outros, como George Russell, que escrevia sob o pseudónimo de AE, considerou-a apenas como "a writer of pleasant gossip"



Lady Gregory.

(*Our Irish Theatre. The Coole Edition*, vol. IV, 1973). Dentro desta linha de pensamento, foi também chamada "the charwoman of Abbey Theatre" e as suas farsas classificadas apenas como "amusing trifles". Há mesmo quem levante a questão de *Lady Gregory* apresentar os camponeses irlandeses como avarentos e a beberem e a praguejarem com violência, facto que poderia contribuir para diminuir a dignidade da imagem da Irlanda.

Não restam dúvidas que tanto a figura desta autora como um movimento extremamente complexo como o *Celtic Revival* merecem um estudo profundo dos múltiplos níveis de análise possíveis porém, neste breve ensaio, apenas pudemos apresentar algumas dessas linhas de investigação. Identificámos alguns aspectos sem procurar uma análise minuciosa de cada um desses elementos que contribuem para a complexidade do tema. Registe-se, no entanto, ainda que, mais recentemente, parecem prevalecer as críticas positivas que vêm dar relevo ao papel de *Lady Gregory* no âmbito do Irish Dramatic Movement. Sucede, por exemplo, que Raymond Williams afirma que neste movimento há material para o estudo da importância do drama na cultura de uma sociedade moderna. Mais ainda, e não é esse o seu menor mérito, foi graças ao facto de *Lady Gregory* ter fundado o Abbey Theatre que este se transformou num veículo para a expressão literária do pensamento nacional e dos ideais da Irlanda.

A este propósito, é ainda significativo lembrar a importância da contribuição que a escola dramática originária do Abbey Theatre teve para a evolução do teatro contemporâneo. Paralelamente, tem interesse debater este assunto, sobretudo quando se verifica com frequência que, em relação ao teatro actual, se dá muitas vezes grande ênfase à actuação dos actores e pouca importância ao valor literário dos textos.

Retomando pois o que ficou explicitado anteriormente, pensamos poder concluir que, apesar de algumas afirmações

em contrário, o movimento em que *Lady Gregory* teve uma participação tão activa criou, de facto, um drama vivo, cujas consequências se sentem ainda no teatro contemporâneo. Em relação a *Lady Gregory* pode aplicar-se-lhe aquilo que ela própria afirmava a propósito dos membros da Irish Renaissance "they have won much praise for themselves and raised the dignity of Ireland." (*Selected Plays of Lady Gregory*, 1983). O famoso Sean O'Casey, que *Lady Gregory* descobriu para o teatro, escreveu um bom final para qualquer estudo sobre esta dramaturga irlandesa:

Lady Gregory opened to the poet [Yeats] the warm welcome
of an Irish soul [...]

She should be remembered for ever.